

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

13

東方學研究所
東方學研究所

A tradutora Marlene Campos foi convidada para a tarefa apenas porque sabia inglês, mas isso não basta — é preciso ter alguma cultura histórica quando se traduz um livro de temática histórica, para já não falar de cultura geral. Esta situação, idêntica a outras que infelizmente se detectam no nosso mercado livreiro, deve-se á incúria de vários editores que sentem nos temas egípcios um filão inesgotável mas que não revelam ponderação e cuidado na apresentação dos seus trabalhos, patenteando desta forma um grande desrespeito pelos leitores.

Luís Manuel de Araújo

JAMES P. ALLEN, *Middle Egyptian. An introduction to the language and culture of hieroglyphs*, Cambridge University Press, 2000. 510 pp. + VIII, ISBN 0-521-77483-7

Para aumentar o número de gramáticas que hoje se encontram à disposição dos estudantes de Egptologia e também de amadores da matéria que, em autodidactismo esforçado, se abeiram do estudo da língua e da escrita hieroglífica egípcia, surgiu em boa hora mais esta obra que, sem os eliminar, complementa os bem conhecidos volumes de idêntica temática que continuam a prestar excelentes serviços. É o caso de bons manuais em inglês, como o de Sir Alan Gardiner (*Egyptian Grammar*, 3ª ed. revista, Griffith Institute, Oxford, Oxford University Press, 1964), o de James Hoch (*Middle Egyptian Grammar*, Society for the Study of Egyptian Antiquities Publications, 15, Missisauga, Benben Publications, 1996), o de Gertie Englund (*Middle Egyptian, an Introduction*, 2- ed., Uppsala, Uppsala University, 1995) ou ainda o prático e abreviado livro de Mark Collier e Bill Manley (*How to Read Egyptian Hieroglyphs*, Londres, British Museum Press, 1998); ou em francês, aqui avultando Gustave Lefebvre (*Grammaire de l'Égyptien Classique*, 2- ed., Cairo, Institut Français d'Archéologie Orientale, 1955, em colaboração com Serge Sauneron), também Pierre Grandet e Bernard Mathieu (*Cours d'Égyptien Hiéroglyphique*, nova edição revista e corrigida, Paris, Éd. Khéops, 2003), Bernadette Menu (*Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique*, Paris, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1993) e ainda Pierre du Bourguet (*Grammaire Égyptienne. Moyen Empire Pharaonique*, Peeters, Lovaina, 1980); ou, em alemão, Erhart Graefe (*Mittelägyptisch: Grammatik für Anfänger*, 5- ed., Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1997).

O autor é conservador da colecção egípcia do Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque e lecciona Egiptologia na Universidade de Yale, resultando em grande medida da sua experiência prática de docente este manual cujo subtítulo já diz bastante quanto à complementaridade incontornável da língua e da cultura.

O esquema da obra assenta em 26 lições entrecortadas por ensaios e exercícios, desenvolvendo aqui o plano da clássica *Egyptian Grammar*, de Sir Alan Gardiner, a qual no final de cada uma das 33 lições inseria um exercício mas que só oferecia apenas três *Excursus* espaçadamente (no final das VII, XVII e XX lições). É, pois, com os ensaios incluídos em cada uma das suas 26 lições que J. Allen enriquece substancialmente o seu manual. Depois do prefácio (pp. XI-XII) inclui um mapa do Egito (p. XIII) que mostra os principais locais mencionados no volume.

As lições começam com uma apresentação da língua e das três escritas usadas no antigo Egito, o hieroglífico, o hierático e o demótico, mais o copta na fase pós-faraónica (pp. 1-9); 2: Os sons do médio egípcio, um tema que ainda se mantém em estudo, com as regras para a transliteração dos signos unilíteros (pp. 13-20); 3: Signos multilíteros, com uma tabela contendo os signos bilíteros, os trilíteros, os fonogramas e ideogramas (pp. 23-31); 4: Os nomes, com o género e o número e a transposição honorífica (pp. 35-42); 5: Os pronomes, com os pronomes sufixos, dependentes e independentes, os demonstrativos e os interrogativos (pp. 47-55); 6: Os adjectivos, incluindo o comparativo e o superlativo (pp. 59-64); 7: Frases adjectivais e frases nominais e o seu uso particular (pp. 67-78); 8: Preposições e advérbios (pp. 83-94); 9: Os números, com os cardinais, os ordinais e as fracções, apresentando em adenda os nomes dos meses egípcios (p. 97-108); 10: Frases adverbiais (pp. 109-115); 11: Frases não verbais com predicado adjectival, nominal e adverbial ou preposicional (pp. 119-125); 12: Orações não verbais, registando-se aqui a diferença entre frase (sem implicar a existência de um sujeito ou de um predicado) e a oração (frase com sujeito e predicado), incluindo orações relativas, orações nominais e orações adverbiais (pp. 129-143); 13: Os verbos, com as suas classes, os causativos e os irregulares (pp. 147-156); 14: Formas infinitivas, o infinitivo, o infinitivo negativo e o complemento negativo e o infinitivo complementar (pp. 159-171); 15: A construção pseudo-verbal (pp. 175-181); 16: O imperativo e partículas proclíticas e enclíticas (pp. 185-195); 17: O estativo, também chamado por vezes pseudo-particípio (pp. 201-218); 18: O perfeito (pp. 223-239); 19: O subjuntivo (pp. 245-258); 20: O perfectivo e o imperfectivo (pp. 263-280);

21: O prospectivo e o passivo (pp. 285-297); 22: Outras formas da conjugação do sufixo, com as modalidades *sdm.jri.f*, *sdm.hr.f*, *sdm.k3.f* e *sdm.t.f* (pp. 301-314); 23: Os participios (pp. 319-341); 24: As formas relativas (pp. 345-361); 25: O uso especial de formas relativas (pp. 363-385); e uma lição final sobre a gramática do médio egípcio (pp. 389-408), rematada com um esperançoso «where to go from here» (pp. 409-410).

Como remate de cada lição surgem os ensaios que incluem um resumo da história do antigo Egito (pp. 9-11), a geografia do antigo Egito (pp. 21-22), a sociedade do antigo Egito (pp. 31-33), os deuses (pp. 43-45), os deuses na terra (pp. 55-57), os nomes do rei (pp. 64-66), a natureza humana (pp. 79-81), a morte e a outra vida (pp. 94-95), cronologia egípcia (pp. 104-106), um ensaio sobre a *maet* (pp. 115-117), o mundo antes da criação (pp. 126-127), a criação do mundo (pp. 143-145), a palavra criadora (pp. 156-157), a teologia menfita (pp. 171-173), o criador (pp. 181-183), heresia (pp. 195-198), fonologia e escrita (pp. 218-221), literatura egípcia (pp. 241-242) literatura sapiencial (pp. 258-259), contos (pp. 280-283), textos históricos (pp. 297-299), textos religiosos (pp. 315-317), hinos e poesia (pp. 341-343), textos não literários (pp. 360-361) e cartas (pp. 386-387).

Após a lição 26 seguem-se as Referéncias (pp. 411-422), indicando as fontes onde o autor foi buscar as frases utilizadas na obra, vindo depois a Sign-list (pp. 423-452) que se baseia fundamentalmente na de Alan Gardiner, um pequeno dicionário (pp. 453-472), as respostas aos exercícios propostos no final de cada lição (pp. 473-494), e por fim o Index (pp. 495-510).

A abrir este muito útil manual o Autor insere na p. V uma dedicatória em escrita hieroglífica:



Trata-se de uma sentida manifestação de devoção filial mas acaba por ser, ao mesmo tempo, uma pequena lição de gramática, com a particularidade de mostrar uma anteposição gráfica em *mwt*, uma preposição, o prefixo causativo sea forma substantivada *khau* (*h3w*) do verbo *kha* (*h3*), a colocação do determinativo esclarecedor e o pronome sufixo aqui com funções de possessivo. Pode também servir para explicar o uso da transliteração, que neste caso será: *m sh3w mwt.j*, ou seja, «em memória de minha mãe».

Nesta obra James Allen, que reconhece o quanto deve aos manuais deste género anteriormente publicados, presta uma notável contribuição aos estudos de Egiptologia relacionados com a língua e a escrita hieroglífica, aumentando qualitativamente o número de gramáticas de egípcio clássico à disposição dos interessados — que são muitos.

Luís Manuel de Araújo

AUDE GROS DE BELER, *Os Faraós*, Lisboa, Centralivros — Gama Editora, 2001, 134 pp., ISBN 972-791-030-0

Este álbum, profusamente ilustrado, começa com um prefácio de Aly Maher El-Sayed, embaixador do Egipto em França (p. 9), seguindo-se o primeiro dos seis capítulos em que a obra está dividida: «O Nilo, um vale fértil» (pp. 12-27), abordando os três mil anos de história do Egipto e apresentando o rio Nilo com as suas fontes, as cheias e as barragens que nele foram erigidas. Debruça-se sobre os problemas de datação e evoca em breve síntese as trinta dinastias da periodização clássica, mas introduz depois uma XXXI dinastia (a segunda dominação persa) o que não está em acordo com a maioria das listas dinásticas usadas pelos egiptólogos. Trata ainda da expedição napoleónica de 1798 e dos seus resultados, de Champollion e a Pedra de Roseta (incluindo aqui dois quadros, um sobre a vida de Champollion outro sobre os hieróglifos) e a paixão «egiptomaníaca».

O capítulo seguinte apresenta «O faraó, deus incarnado» (pp. 28-43), com os seus atributos e funções, os palácios reais, as histórias de conluios, o faraó como chefe da administração, como filho e servidor dos deuses, como chefe guerreiro, e as rainhas do Egipto. Neste passo carece de fundamento sólido a ideia da Autora que põe Hatchepsut e Tutmés III a reinar em conjunto (o que teoricamente ocorreu), sendo a rainha então a «responsável pelos assuntos comerciais e administrativos» e o jovem rei «pelas questões militares». Inserido no capítulo estão dois quadros, um apresentando a formação do nome real (p. 30) e outro com uma lista de grandes figuras reais do Império Novo (p. 42).

O terceiro capítulo trata de «Deuses, crenças e ritos» (pp. 44-59), abrindo com as divindades do panteão egípcio, as cosmogonias e lendas, os deuses protectores da realeza, as divindades funerárias, as divindades complementares, os ritos e crenças, a prática da mumificação, as crenças e cultos funerários.